



Ano I Nº 227
28 Março 2007

Índice

Acordo Mundial na Vale do Rio Doce	01
Metalúrgicas da CAW trocam experiências em Erechim	02
Indústria automobilística europeia deverá cortar 100 mil empregos	03
Multinacional financiou paramilitares na Colômbia	04

INTERNACIONAL

Acordo Mundial na Vale do Rio Doce

CNM/CUT, USW e outros sindicatos anunciam acordo global. Lideranças sindicais do Canadá, Brasil, Moçambique e Nova Caledônia encontram-se em Sudbury, Ontário, e anunciaram no dia 20 de março o desenvolvimento de um novo acordo de união global criado para avançar os interesses dos trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

Sindicatos representando os trabalhadores na Noruega e Austrália também endossaram o acordo.

A United Steelworker (USW) representa no Canadá uma média de 5 mil empregados. Os sindicatos brasileiros na conferência de Sudbury, são a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Setor Mineral (CNTSM/CUT) e a Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), que representam 25 mil trabalhadores que atuam nas minas, operações em estradas de ferro, portos, escritórios, plantas químicas, operações de energia e siderúrgicas no Brasil. USW e a CNM/CUT são afiliadas da Federação Internacional de Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), uma federação sindical que representa mais de 25 milhões de trabalhadores em todo o mundo.



'Este acordo demonstra da cooperação internacional e de colaboração estratégica', disse o secretário geral da FITIM, Marcello Malentachhi. 'Os direitos dos trabalhadores, locais seguros para atuação profissional e comunidades saudáveis são os princípios comuns que ultrapassam as fronteiras de uma nação'.

A CVRD tem origem brasileira e é uma produtora internacional de níquel, aço e carvão.

De acordo com o documento produzido pela USW, o 'Encontro Sindical de Sudbury' abrange cinco metas básicas.

- Acordos coletivos cada vez mais fortes que trazem salários elevados, rendas e benefícios melhores para a aposentadoria, locais de trabalho seguros e uma voz ativa nas decisões corporativas que afetam a vida dos trabalhadores;
- Despesas em investimentos da CVRD em nossas comunidades para apoiar novas facilidades, explorações, padrões ambientais mais altos e novos tipos de desenvolvimentos;

- Locais de trabalho mais seguros e saudáveis para operações ambientais mais saudáveis que serão mais seguros e saudáveis para nossas famílias e comunidades;
- Respeito pelos direitos humanos das comunidades afetadas pelas operações corporativas, e total reconhecimento de direito para os sindicatos representarem os interesses coletivos dos trabalhadores;
- Acesso total as informações sobre as aquisições da corporação, fusões ou outras reorganizações que afetam nossos membros de alguma maneira;

Eliminação dos trabalhadores terceirizados na empresa.

Veja a lista dos participantes do encontro em Sudbury, Canadá em <http://www.cnmcut.org.br/verCont.asp?id=4469> (Assessoria de Imprensa CNM/CUT e FITIM, 23.03.2007)

Metalúrgicas do CAW trocam experiências em Erechim

Metalúrgicas canadenses conhecem experiências auto-gestionárias do Sindicato dos Metalúrgicos

As metalúrgicas canadenses do setor automotivo (Julie White, Kellie Scanlan, Maria Pinto e Camille Peirce), do Sindicato Canadense: CAW (Canadian Auto Workers), que estiveram em Erechim na segunda-feira, 19, trocando experiências com integrantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Erechim, aproveitaram a visita para conhecer as experiências auto-gestionárias fomentadas pelo Sindicato: a Cooperli (associação de mulheres que produz moda íntima) e a Alumifer (cooperativa que produz painéis de alumínio).

Na Cooperli, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Erechim, Jaime Basso contou a história do empreendimento, que já tem sete anos. A experiência surgiu da necessidade de trabalho de 6 mulheres, que formaram uma cooperativa, através do incentivo do Sindicato e fomento do programa Integrar da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que apóia novos empreendimentos para trabalhadores desempregados.

'Atualmente, são três sócias e nove funcionárias e cerca de 50 pessoas que vendem em sistema de consignação, de forma autônoma, além de ser mantida uma loja de venda para a sociedade', explicou Basso, observando que o Sindicato dos Metalúrgicos de Erechim, entre suas ações, também estimula a independência financeira das mulheres. As metalúrgicas ficaram surpresas com a organização, acharam interessante a iniciativa de se unirem para terem uma renda. Durante a visita, as metalúrgicas aproveitaram para tirar fotos, comprar produtos e conversar, através da intérprete, com as funcionárias da Cooperli.

Na sequência, o grupo foi até a Alumifer, onde conheceu todo o processo de fabricação das painéis e a história da cooperativa. 'Montamos a cooperativa com 15 associados e mais cinco nomes emprestados, depois que ocupamos a indústria, que tinha ido à falência e não pagava o que devia aos funcionários', contou Basso.

'A Alumifer, atualmente, tem 18 trabalhadores. Com a retomada do crescimento nas vendas neste ano temos esperança do empreendimento ter sua situação melhorada, destacou Basso, informando que a Alumifer é uma empresa ecologicamente correta: onde todo sistema de esgoto está dentro das normas do governo, além das painéis serem todas feitas com material totalmente reciclado'.

Maria Pinto achou isso muito interessante. 'Para nós é muito importante as empresas e as pessoas terem essa preocupação e cuidados com o meio ambiente'. Julie White ficou surpresa com a preocupação de uns ajudarem os outros. 'As pessoas além de quererem emprego para si próprias unem-se para que mais pessoas tenham empregos também. Isso é muito bonito, vamos levar com a gente'. (Sindicato dos Metalúrgicos de Erechim, 22.03.2007)

Indústria automobilística europeia deverá cortar 100 mil empregos

A indústria automobilística está em declínio na Europa ocidental. Nos últimos seis anos os fabricantes de carros e seus fornecedores suprimiram 117 mil empregos. Um estudo prevê nova fase de reestruturação, com cortes de mais 100 mil empregos até 2009

A deslocalização da produção automobilística para o leste da Europa vai ser acelerada e ganhará ainda mais intensidade até 2009. Nos últimos anos o setor cortou 117 mil empregos na Europa ocidental, e prevê-se que entre 2007 e 2009 cortará outros 100 mil, segundo um estudo da seguradora Euler Hermes, filial da AGF. Na Espanha, a perda nos últimos seis anos foi de 8.200 postos de trabalho, 5% do total.

Os dados referem-se tanto aos fabricantes de carros como à indústria de autopeças, que buscam reduzir os custos indo para países de salários mais baixos. Para essa nova fase de reestruturação, que vai acontecer até 2009, a Euler Hermes prevê que serão suprimidos de 30 mil a 40 mil postos de trabalho nas fábricas de automóveis e entre 60 mil e 80 mil nas produtoras de peças.

Em contraste com o que acontece na velha Europa, a abertura de fábricas nos países do leste permitiu criar nos últimos seis anos cerca de 90 mil empregos. Destes, 40 mil foram criados desde 2004, ao mesmo tempo em que na Europa ocidental se destruíram 70 mil, o que confirma que a tendência de deslocalização aparece com força cada vez maior.

O Reino Unido é o país que perdeu mais empregos (56 mil) em consequência do fechamento de fábricas Ford, General Motors, Jaguar, Rover e PSA (Peugeot-Citroën). Outros dois países que foram muito prejudicados são Bélgica e Portugal, que experimentaram cortes de 10.400 postos (19,5% do total) e 7.200 (25%), respectivamente.

É surpreendente a estabilidade da Alemanha, que mantém mais de 850 mil pessoas na indústria automotiva, mas isso se explica somente pela abertura de fábricas na antiga Alemanha Oriental, o que de fato mostra o mesmo processo de deslocalização, segundo análise da Euler Hermes.

Os grandes fabricantes europeus buscam com esse processo melhorar sua baixa rentabilidade. Sua margem operacional (porcentagem de lucro sobre as vendas) ficou em 3,3% em média em 2006, pouco melhor que os 2,7% registrados em 2005. Mas, "está longe da meta de 6% anunciada pelos fabricantes, que nos parece um pouco otimista", explica no estudo Yann Lacroix, responsável por análise setorial da Euler Hermes.

Nos países do leste recém-incorporados à União Europeia, a indústria automobilística passou de 310 mil empregos em 2000 para 400 mil em 2006. As folhas de pagamento aumentaram 62% na Eslováquia, que já tem 58.400 pessoas no setor, e 41% na República Tcheca, que tem outras 111 mil. Na Polônia o emprego aumentou 25%, para 111 mil pessoas; na Hungria, 32%, para 44 mil; e na Eslovênia, 31%, para 9.200.

Os custos salariais não admitem por enquanto comparação, porque no leste são cinco vezes menores. O custo por hora é de 6,02 euros na Eslováquia e 6,3 euros na República Checa, contra 20,6 na Espanha, 28,6 na Alemanha e 30,3 na França.

A dúvida é saber por quanto tempo poderá se manter essa vantagem comparativa. "As estatísticas sobre os custos médios podem esconder grandes diferenças locais", adverte um recente estudo da PricewaterhouseCoopers que conclui que nem todas as deslocalizações poderão ser vantajosas.

Esse estudo indica que, embora ainda faltem anos para que alcancem os níveis ocidentais, os salários na Europa central e oriental estão subindo rapidamente. Em referência à pressão que sofrem os fabricantes de peças para que se deslocalizem, indica que "não faz muito sentido transferir-se para uma região com salários baixos se não se empregar muita mão-de-obra". "Também é preciso levar em conta que é cada vez mais difícil encontrar mão-de-obra qualificada em alguns setores", acrescenta.

Outro dos possíveis inconvenientes que a PricewaterhouseCoopers vê é a perda de imagem que representa o fechamento de uma fábrica de automóveis. "Alguns fabricantes de veículos dependem da imagem em seus próprios países para se promover, e o fechamento da fábrica no país para instalar-se no estrangeiro pode ter consequências negativas para a empresa."

Grandes investimentos

Os projetos previstos pelos fabricantes de automóveis na Europa do leste somam investimentos de US\$ 6 bilhões para a instalação de novos centros de produção, segundo o estudo da PricewaterhouseCoopers. Já estão na região quase todas as marcas de carros e cerca de 300 fabricantes de peças.

A primeira a se instalar foi a japonesa Suzuki, que em 1990 construiu uma fábrica na Hungria. Depois chegaram a Volkswagen, com a compra da checa Skoda, a Fiat, com fábricas na Polônia; Renault, com a romena Dacia, e General Motors, com instalações na Polônia e Romênia. Toyota e PSA abriram em 2005 uma fábrica conjunta na República Checa, enquanto a Ford prevê transferir em 2008 a produção do pequeno KA para uma fábrica da Fiat. (*Dolors Álvarez, La Vanguardia*)

Multinacional financiou paramilitares na Colômbia

Multinacional americana Chiquita financiou milícias paramilitares colombianas

Empresa pagou US\$ 1,7 milhão às AUC entre 1997 e 2004, "motivada pela preocupação legítima de proteger os empregados"

A multinacional Chiquita Brands financiou grupos paramilitares colombianos para que estes garantam a sua proteção. Nos Estados Unidos, isso lhe custará uma multa de US\$ 25 milhões (R\$ 52,25 milhões). A firma agroalimentar anunciou na quarta-feira, 14 de março, ter chegado a um acordo com o Departamento americano da Justiça, que vinha conduzindo o inquérito há três anos.

As Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC, de extrema-direita) estão inscritas na lista das organizações terroristas por Washington desde 2001. Elas cometeram inúmeros crimes contra civis na região bananeira da Uraba (noroeste da Colômbia), onde a Chiquita tinha plantações. Hoje desmobilizadas, essas milícias paramilitares estavam muito envolvidas no tráfico de drogas nesta área.

Em Bogotá, o ministro colombiano da defesa, Juan Manuel Santos, comemorou a decisão. Os defensores dos direitos humanos pedem que a multa seja revertida para as vítimas dos paramilitares. A guerrilha de extrema-esquerda e os paramilitares disputaram entre si durante mais de dez anos o controle da Uraba.

Segundo informa o relatório das autoridades americanas, a Chiquita teria inicialmente remunerado os guerrilheiros que se dedicavam a atividades de extorsão na região. No final dos anos 1990, as AUC nela começaram a se instalar. Sob o pretexto de acabar de uma vez por todas com as exações da guerrilha, os paramilitares massacraram camponeses e sindicalistas, sob o olhar cúmplice do exército e das companhias bananeiras, e foi a sua vez de praticar a extorsão.

A Chiquita reconhece que pagou mais de US\$ 1,7 milhão (R\$ 3,55 milhões) às AUC entre 1997 e 2004, mas alega ter agido com boa-fé. "Os pagamentos efetuados foram motivados pela preocupação legítima de proteger os nossos empregados", declarou na quinta-feira (15/03) Fernando Aguirre, o presidente da companhia, cuja sede fica em Cincinnati (Ohio).

Segundo o Departamento americano da justiça, diretores "do alto escalão" da Chiquita autorizaram e dissimularam os pagamentos incriminados. Os nomes dos responsáveis não foram revelados.

O acordo assinado com a administração americana é uma "solução ao dilema ao qual a companhia foi confrontada vários anos atrás", precisa um comunicado da firma. Em 2003, a Chiquita informou espontaneamente a justiça dos pagamentos realizados por uma das suas antigas filiais, constatando que os beneficiários figuravam na lista das organizações que a lei americana considerava criminoso financiar. Um ano mais tarde, o grupo abandonou as suas operações na Colômbia.

Outras empresas americanas também são suspeitas de ter vínculos com os paramilitares colombianos. A companhia carvoeira Drummond e a Coca-Cola foram processadas perante tribunais americanos, suspeitas de terem encomendado o assassinato de vários sindicalistas. *(Tradução: Jean-Yves de Neufville) (Marie Delcas/Le Monde) (UOL, 19.03.2007)*